



SMITH, Bonnie G. **Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica**. Trad. Flávia Beatriz Rossler. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

VILHENA, Luís Rodolfo. **Os intelectuais regionais: os estudos de folclore e o campo das Ciências Sociais nos anos 50**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 1996.

VILHENA, Luís Rodolfo. **Projeto e Missão: o movimento folclórico brasileiro (1947-1964)**. Rio de Janeiro: Funarte: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

OS SERTÕES EM IMPRESSÕES: AS AGRURAS DA SECA E O ÊXODO DE JOSÉ RAFAEL DE MENEZES

Francisca Araújo Saraiva
Bolsista Pibic PROPESQ/UFRN
 Joel Carlos de Souza Andrade
Professor do DHC/CERES/PPGHC/UFRN

Resumo: O trabalho foca na perspectiva do autor paraibano José Rafael de Menezes sobre o sertão nordestino, sob a perspectiva literária, em sua obra inaugural “Êxodo: a nascente dos paus de arara” (1952). Teórico-metodologicamente, esta literatura foi elevada à fonte histórica (e neste caso, fonte híbrida) (LIMA, 2002), em articulação com a análise da obra e os seus “juízos críticos”: fontes jornalísticas que repercutiram a autoria e a obra quando de seu lançamento. Para esta análise, os “juízos críticos” circulados à época em publicações de alguns jornais também oferecem uma percepção crítica a respeito do romance de Menezes. As perspectivas do autor, cuja obra não faz parte da literatura canônica acerca do sertão, em geral, inserida na literatura dita regionalista, em relação a esse espaço sertanejo, possibilitaram a compreensão do processo de singularização/naturalização do sertão nordestino do Brasil.

Palavras-Chave: Sertão; Seca; Êxodo; José Rafael de Menezes.

Introdução

O presente trabalho resulta das atividades de pesquisa desenvolvidas sob o plano de trabalho intitulado “Os sertões em impressões: levantamento da produção escrita sobre os ‘sertões áridos’ (Diários Associados, 1950-1960)” que, por sua vez, faz parte de um maior escopo de pesquisa cujo projeto principal é “‘Os Sertões Áridos’: (re)leituras da



paisagem, natureza e cultura escrita (1930-1970)”, recebendo o fomento através de uma Bolsa de Iniciação Científica/PIBIC/UFRN, o qual teve duração de 01 de setembro de 2021 até 31 de agosto de 2022, e foi responsável por desenvolver uma pesquisa a respeito do sertão a partir das fontes literárias e jornalísticas.

Por meio da análise da obra literária “Êxodo: a nascente dos paus de arara” (1952), do autor paraibano José Rafael de Menezes (1924-2009), foi possível perceber as problemáticas dos agentes ou diferentes sujeitos que remetem ao repertório escriturístico de uma tradição literária que versa sobre os sertões do Nordeste brasileiro (CASCUDO, 1984; ANDRADE, 1948) ou que se remete a uma dada imagem dele, por vezes, estereotipada, desde a emergência do novo regionalismo na década de 1920. É que compõem o enredo que tematiza “o sertão árido” (uma vasta produção que, por diferentes áreas, suscitou interesses no campo das artes, literatura, folclore e ciência) e estão ainda presentes no projeto literário de Menezes, na década de 1950. A obra de Menezes pode ser pensada a partir de uma abordagem sobre a elaboração histórico-cultural dos “sertões áridos” bem como do estabelecimento de um diálogo com produções historiográficas mais recentes que tematizam os “sertões”, direta ou indiretamente, como o historiador Durval Muniz de Albuquerque Jr. cujas produções “Nordestino: invenção do falo: uma história do gênero masculino (1920-1940)” (2013)”, “A Invenção do Nordeste e outras artes” (1998) e “Distante/Instante” (2016) abordam os agentes que formam o sertão nordestino e o próprio espaço através de uma releitura sociocultural das relações entre os sujeitos e entre eles e o espaço sertanejo.

Menezes oferece uma perspectiva relevante acerca dos sujeitos que compõem esses territórios marcados pela escassez de chuvas e problemas sociais advindos, dentre outras razões, pela paisagem árida. Dessa maneira, a análise da obra do autor paraibano constitui uma possibilidade de uma nova percepção na literatura nordestina sobre o sertão (FREIRE, 2014) e os agentes históricos que o compõem ao representar em seu livro uma determinada percepção paisagística do ambiente sertanejo carregado de sofrimento, saudosismo e esperança presentes na composição literária da paisagem e de seus personagens sertanejos que enfrentam as batalhas contra a seca e as dificuldades causadas por esse fenômeno da natureza (TUAN, 2013; MENEZES, 1937).



No que concerne aos procedimentos metodológicos, sob a inspiração da “operação historiográfica” cerтеаuniana (CERTEAU, 1982), buscou-se a produção de um “arquivo” a ser mobilizado em função da problemática. Sob esta perspectiva, a leitura e análise da obra “Êxodo: a nascente dos paus de arara” (1952), de Menezes, constituiu o primeiro passo. Para além da literatura, os “juízos críticos” feitos à obra literária analisada também foram utilizados como fonte e foram consultados por meio de jornais do período da década de 1950 (D’ANDREA, 2010) que circulavam em estados como Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte e atualmente estão disponibilizados na plataforma online da Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional.

A obra literária de José Rafael de Menezes escolhida para ser analisada neste trabalho foi adquirida por meios próprios de maneira virtual e foi observada pelo ponto de vista histórico em que o autor oferece uma rica construção da paisagem do “sertão árido” e cujos personagens, habitantes desse sertão seco, que estão em profundo sofrimento em decorrência da seca, também oferecem uma perspectiva que auxilia na análise a respeito de como o sertão de Menezes retratado em “Êxodo: a nascente dos paus de arara” dialoga com o sertão “real” da caatinga, ou seja, a partir da obra de Menezes, foi possível perceber como esse autor enxergava e representava o sertão.

Um olhar para o sertão de Menezes em “êxodo”

Esta produção escrita constitui uma tipologia documental que nos permite problematizar a emergência de uma abordagem sobre os “sertões áridos” numa fase de pleno desgaste da literatura regionalista. Face aos novos tempos, o jovem escritor José Rafael de Menezes dar corpo a uma questão recorrente: a seca – sobre a qual temos uma fortuna crítica consolidada –, e o êxodo rural, cujas dinâmicas são reatualizadas a partir do processo modernizador em curso no Brasil a partir da década de 1930, durante o Governo Vargas, que torna o “Sul maravilha” um novo território no horizonte do sertanejo/migrante. Sobre esse ponto de vista, “Êxodo: a nascente dos paus de arara”, expõe com uma certa crueza as agruras vivenciadas por parte da população sertaneja ao compor o espaço do sertão/cariri paraibano, assim como seus personagens, como um



ambiente cujos habitantes carregam profundas marcas do sofrimento, de um passado saudosista e de esperança.

Esses três sentimentos são bastante explorados no romance de Menezes ao dialogar com a sua narrativa do sertanejo agricultor que veio de um passado próspero e aos poucos vai perdendo seus bens materiais até que, no ápice de sua malfadada velhice, perde também um bem de inestimável valor e, talvez, a posse que a sociedade sertaneja mais valoriza na década de 1950: a honra. Ao construir seu cenário de fundo para o enredo de seu romance, Menezes não teve muito trabalho para imaginar as paisagens – secas, áridas, difíceis de habitar e cultivar sem água abundante –, pois o autor paraibano, além de compartilhar seu lar sertanejo com seus personagens, também foi testemunha (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1953) por algum período de tempo do sofrimento que os agricultores sertanejos viviam quando a escassez de chuva se prolongava e as colheitas pobres e escassas resultavam na pobreza de recursos e em difíceis condições de permanência no território sertanejo.

Desse modo, quando ocupou o cargo de promotor público na comarca da cidade paraibana de Monteiro (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1953), Menezes presenciou a longa batalha desses sertanejos na busca pela sobrevivência cuja resposta final acabava por resultar na viagem desses para o sul do país em busca da continuidade da vida, e após sair do cargo decidiu que publicaria um livro, um romance, compartilhando as dores dessas famílias sertanejas que migravam para o sul na busca pela sobrevivência como uma forma de protesto (O NORTE, 1953) contra a humilhação que seus conterrâneos enfrentavam no apavorante momento de seca e a falta do auxílio governamental por meio de políticas eficazes para salvaguardar aqueles mais atingidos pela escassez de chuvas (MENEZES, 1937; ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1998). Expressando seu desejo de denunciar a infeliz situação do sertão, abandonado pelo poder público, Menezes escreve no prólogo de sua obra: “êste livro pretende conter – um grito de protesto, uma palavra de advertência, uma prova de amor à minha terra. E, só em último caso, a estrutura de um romance” (MENEZES, 1952, s.p.).

O presidente Vargas, ao longo de seu governo, fomentou uma política de conectar as populações do Brasil e para isso sua principal estratégia era povoar também as regiões do estado do Amazonas e a região Centro-Oeste, com destaque para o Mato Grosso



(GOMES, 2013). Dessa maneira, em 1938, Vargas inicia o projeto que impulsiona a migração interna dos próprios brasileiros para o Amazonas principalmente, com o foco de trabalhar nas atividades extrativistas. No entanto, o censo do IBGE de 1950 demonstrou que a maior parte dos migrantes brasileiros para o Amazonas e para os territórios do Centro-Oeste eram os nordestinos (GOMES, 2013). A seca recorrente no sertão nordestino impulsionava a migração dos sertanejos para as áreas que estavam em crescimento populacional e econômico, como no caso do Amazonas e, mais tarde, Brasília. Sendo assim, a seca atuava como um catalizador para o sucesso do plano político de povoar as regiões do Brasil do governo que ultrapassou Getúlio Vargas, uma vez que as migrações eram recorrentes até o início da década de 1970, já sob governo da Ditadura Militar (GOMES, 2013).

A narrativa central de “Êxodo: a nascente dos paus de arara” gira em torno da família Dionísio composta pelo patriarca Antônio Dionísio, sua esposa Maria Lúcia e seus dois filhos mais novos, Tonho e Joana. Dionísio possuía uma fazenda no pequeno povoado de Macambira, na Paraíba, mas que se viu obrigado a vender para que ele pudesse arcar com as dívidas que só aumentavam. Após vender sua fazenda, Dionísio e a família se mudam para a fazenda do velho amigo de Dionísio, o Major Cazuzza. Na fazenda em Bela-Vista eles começam a trabalhar e a morar como posseiros.

Major Cazuzza, assim como Dionísio, era pai de vários filhos, porém, apenas um deles, Agostinho, se interessava pela fazenda. Depois da morte de Major Cazuzza, Agostinho se torna o novo administrador da fazenda e rebaixa Dionísio para meeiro. Dionísio se sente muito mal com essa decisão, principalmente porque isso diminuiria os lucros para sua família e dificultaria o pagamento de suas novas dívidas. No final da narrativa, Agostinho livra Dionísio de ir para a cadeia de forma injusta e oferece uma festa para celebrar o seu aniversário. Grato pela ação do patrão, Dionísio e sua família vão para a festa, mas Joana acaba por dormir com Agostinho e a fofoca se espalha pela cidade e causa a decisão de Dionísio de ir embora do sertão e migrar para o sul.

O romance de Menezes envolve os personagens principais, a família Dionísio, em uma história de declínio financeiro e moral, cujo destino resultou na migração para o sul do Brasil em uma tentativa de fugir dos “boatos” que espalhavam o acontecido que



resultou na perda da honra do nome do patriarca, Antônio Dionísio, para com a sociedade sertaneja que o cercava. Ao longo da narrativa, é possível perceber que os personagens de “Êxodo: a nascente dos paus de arara” (1952) estão marcados pelo sofrimento, pelo saudosismo e pela esperança, marcas que resultaram de diferentes experiências individuais de cada personagem, mas que de forma geral, permeiam todos os personagens de forma recorrente. Cada personagem é passível da identificação do porquê de seu sofrimento, do que ele sente saudade e para o que ele guarda a esperança.

Entretanto, esses sentimentos estão presentes de maneira mais notável em circunstâncias que são essenciais para o avanço e coesão da narrativa. O sofrimento se faz presente no romance de Menezes principalmente por meio do desespero que a escassez de chuva e a terra seca causam nos agricultores que, assim como Dionísio, vão perdendo aos poucos suas posses conquistadas através de muitas dificuldades. O sofrimento vem acompanhado do medo ocasionado pela incerteza de que em um futuro próximo a família Dionísio tenha um lugar para morar, um pedaço de terra para plantar e comida na mesa para comer, uma vez que a seca afeta a principal fonte de renda da família e sem segurança financeira não é possível manter o aluguel da terra e tampouco comprar comida, gerando um sofrimento sem tamanho que é o catalisador para que centenas de famílias tomem a decisão de abandonar seus lares no sertão e migrar em busca de sua sobrevivência e de melhores condições de vida. O ápice do sofrimento vivenciado por Dionísio ao longo da narrativa pode ser visto no trecho final em que ele tenta justificar para si próprio sobre o porquê decidiu partir do sertão.

Só lhe restava a retirada, como um suicídio sem pecado! Era um ato de loucura, envolvido por uma leve esperança. Se ficasse morreria lentamente; se fugisse ou se ‘esbagaçaria’ logo ou alcançaria uma vitória. Tinha consciência do perigo que representava uma tal viagem; mais do que isto porém tinha certeza da irresponsabilidade de continuar vivendo no mundo sertanejo... Assim como já não acreditava nos invernos regulares, a ponto de se sentir desmoralizado como homem de ‘experiências’, já não acreditava nos governos, nas ‘promessas dos homens’... Pelo menos retirando-se, iria com o seu esqueleto, com a sua miséria, fazer ‘assombração’ aos políticos dessas zonas ricas, os quais, como dizia seu amigo Pedro Tavares, viviam ‘a sugar os cofres federais, roubando ao Nordeste o direito à sobrevivência’... (MENEZES, 1952, p.231-232).



Em relação ao saudosismo, poucos personagens apresentam essa característica com maior destaque no livro. Os personagens que possuem esse sentimento destacado é Dionísio, o Major Cazuzza e o coronel Segismundo. Todos eles compartilham a saudade do passado, no entanto, esse passado não é semelhante para os três, visto que enquanto Dionísio e Major Cazuzza sentem saudade de um passado cujas vidas eram prósperas e alegres, em que não havia um período de seca tão extenso e punitivo, em que a terra oferecia colheitas abundantes e os sertanejos não precisavam migrar para outros lugares para que não morressem de fome em suas casas no campo, a saudade do coronel Segismundo, no entanto, é bastante diferente, uma vez que com a derrota do candidato político que ele estava apoiando, o coronel sugere que seus influenciados políticos que não votaram no candidato de sua escolha deveriam ser castigados e que a boa política era no período do voto de cabresto, demonstrando assim, a saudade que sente da época em que o abismo entre a elite e o povo sertanejo era marcado pelo controle que a elite agrária exercia sobre a vida daqueles que viviam em suas terras em uma situação de desamparo social da parte do Estado. Segismundo demonstra seu apoio ao uso da violência e sua saudade do período em que as autoridades faziam vista grossa para a coerção dos eleitores por meio da chantagem velada e uso da violência no trecho do livro.

- Eu bem que preveni!... Eleitor é como cavalo novo: só aprende na peia, só anda no passo que a gente quer, se todo dia levar umas chamadas no bridão e umas lamboradas nos quadris... mas vocês começaram com uns agrados, soltando dinheiro... fazendo promessas... com medo! E a polícia aí, encostada... Já se viu um governo perder eleição, homem! (MENEZES, 1952, p. 198).

A respeito da esperança, os personagens que mais reúnem essa emoção, ainda que por motivos divergentes, são Dionísio, seu filho Tonho e o Major Cazuzza. Dionísio mantém esperança de que a chuva vai cair e molhar a terra em algum momento do ano, proporcionando boas colheitas. Dionísio está sempre observando o céu azul, bem como o Major Cazuzza, e atento aos detalhes que a natureza fornece quando a chuva está por perto. Uma das maiores características desse personagem é a esperança que ele carrega de que não vai precisar migrar com sua família em razão do desespero de quem passa fome. Seu filho Tonho, porém, tem esperanças de que divergem bastante dessa emoção guardada por seu pai, visto que Tonho não quer, nem pretende, seguir os passos do pai e



de seus ancestrais masculinos de continuar ganhando a vida como agricultor e anseia profundamente pela oportunidade de sair da vida do trabalho no campo e de sair do sertão.

Ao longo da narrativa, Tonho embarca em uma viagem para o sul, no entanto, uma briga violenta que o deixa inconsciente acaba fazendo com que o carro pau de arara partisse sem ele. Tonho é a caracterização do personagem que reflete os anseios de Menezes. Tonho não quer continuar seguindo os passos iguais ao do pai ao longo de sua vida, como era o esperado nessa época para quem não possuía melhores condições de vida. Tonho reflete – através de sua raiva pela tradição forçada que o obriga a ser agricultor como seu pai – a esperança da quebra dessa tradição que faz Menezes construir Tonho como um personagem que deseja tanto sair da vida de agricultor e do sertão que acaba por ignorar os perigos de uma viagem para o sul. A impulsiva decisão de viajar para o sul ocorre depois de uma discussão entre Tonho e seu pai, onde o menino decide abandonar a família e o sertão custe o que custar.

Tonho, sem olhar ao menos o que sucedera ao pai, caminhou rapidamente em direção à porteira; deixou-a escancarada, rumando para casa onde entrou espumando de ódio, dando pancadas em tudo como um cachorro doido... Num minuto sacudi algumas roupas numa maleta, e furiosamente e apressadamente, ante os olhos espantados de sua mãe e irmã que, ou por falta de tempo ou por excesso de estupefação nada disseram – dirigiu-se para a estrada... (MENEZES, 1952, p. 146).

Dentre os três personagens destacados no romance, Tonho é o único que, no final consegue alcançar aquilo que anseia, pois seus pais decidem deixar o sertão e migrar para o sul junto com os filhos em uma tentativa de recomeçar e fugir do falatório que acusa a família de não possuir mais a sua honra. Uma fofoca motivada pela primeira experiência sexual que a filha mais nova e solteira, Joana, teve com o patrão, Agostinho. Através do modo como Menezes construiu os personagens, o cenário e o enredo de seu romance é possível compreender que, mesmo com os sinais da modernidade chegando ao sertão – sinais esses que são comemorados pelo autor –, a vivência de Menezes com pessoas que representam profundamente seus personagens se reflete em seu romance a partir da demonstração de que em relação a presença do progresso modernizador no sertão, ainda há uma profunda resistência de pessoas que sentem saudade dos velhos tempos, do período em que eram prestigiadas pela riqueza e pelo poder que tinham, pela forma como



a sociedade estava organizada e pela facilidade de manter essa organização social a partir do poder garantido pela posse de terras e de riquezas materiais.

Menezes, entretanto, anseia pelas mudanças trazidas com a modernização do sertão, uma vez que seu livro é uma prova clara de que se o autor pudesse, escolheria resolver os problemas de caráter emergenciais do sertão para que seus habitantes não tivessem que escolher entre a oportunidade de sobreviver no sul do país e abandonar seus lares fugindo da fome. O personagem Pedro Tavares, um tabelião amigo de Dionísio, insiste em defender o sertão perante seus conterrâneos e também perante estrangeiros.

Pedro Tavares é um personagem construído para representar ainda mais claramente as opiniões de Menezes, visto que seus monólogos a favor da modernização e estruturação educacional do sertão esclarecem isso, além de que Pedro não tem propósito em relação a Dionísio e sua família. Menezes nunca explicou o porquê Pedro e Dionísio são amigos ou qual a ligação entre Pedro e o ciclo da elite agrária e intelectual da cidade para além de uma dedução implícita de amizade com os filhos do Major Cazuzu por uma vida social compartilhada. No trecho seguinte, Menezes permite que sua própria opinião enquanto defensor do processo de modernização do sertão transpareça na resposta de Pedro Tavares.

-Como é que o senhor, julgando os sertanejos tão inteligentes e a terra tão aproveitável, explica o atraso, as dificuldades, o êxodo?

-Ora, meu amigo, falta-nos assistência. As virtudes do nosso povo, são incultas; precisam ser buriladas constituem uma matéria prima, rica, mas rústica, muito rústica mesmo. [...] o importante, porém, é aproveitar dentro das suas possibilidades, as gerações que representam atualmente, a força produtiva do sertão. E isto seria possível através de campanhas relampagos visando instruir tecnicamente o sertanejo, com cinemas ambulantes, cartilhas ilustradas, cursos populares, podiam-se utilizar essas faculdades ingêntas a que me referi, adaptando-se o nosso agricultor á mecanização e racionalização da lavoura; ensinando-o combater a erosão, a não ajudar a seca [...] mas infelizmente, o nosso sistema educacional, apenas permite ao matuto, assinar título de eleitor e notas promissórias... Precisamos quanto antes mudar de maneira nossas relações com êste povo; principalmente os poderes públicos, garantindo-lhe ao menos, uma sobrevivência razoável, até que seja possível, como uma decorrência de progresso geral da humanidade, a redenção absoluta do Nordeste (MENEZES, 1952, p.126-127).



Assim, em trechos reveladores da falta de assistencialismo ao sertão nordestino e de opiniões progressistas por Pedro Tavares, Menezes expressa que a construção desse personagem está diretamente ligada à sua própria opinião como sujeito sertanejo.

Considerações finais

O romance “Êxodo: a nascente dos paus de arara”, do escritor, político e jurista José Rafael de Menezes é o primeiro das dezenas de livros que o autor viria a publicar. O romance, criticado nos jornais de estados nordestinos como Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, foi escolhido para a análise por se tratar de uma obra que, além de ter sido produzida e publicada dentro do período que é foco do projeto de pesquisa (1950-1960), foi também um trabalho emblemático em relação ao ponto de vista desse autor para com o sertão, a seca e as consequências desse fenômeno que acabam por se refletirem nas vidas dos sujeitos sertanejos, se transformando em um problema muito sério que catalizador do êxodo rural em massa desde a segunda década do século XX.

Menezes construiu personagens e paisagens bastante próximos da realidade sertaneja pois foi um observador por um certo período na vida dos sertanejos atingidos pela seca (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1953) e que decidiam sair do sertão para que não morressem de fome, além de ser ele próprio um habitante do sertão paraibano e ter sua significativa percepção acerca da paisagem sertaneja (CAUQUELIN, 2007). Dessa maneira, a narrativa expressa de forma muito eficiente a dor do sertanejo que não enxerga outra opção entre a fome e a esperança da fuga. Menezes demonstra por meio do personagem coadjuvante, o tabelião Pedro Tavares, seu profundo ressentimento com o governo brasileiro que não oferece soluções eficazes no combate às sequelas da seca, ao mesmo tempo que demonstra um amor invejável pelo sertão, que também é seu lar.

O autor constrói em seu romance um sertão castigado pela seca, pela pobreza, pela dependência financeira das camadas mais pobres para com a terra em uma relação de cultivo do solo. O sertão de Menezes é um sertão agrário, onde ainda há reflexos de uma sociedade comandada pelos fazendeiros e pensada pelos intelectuais provenientes das elites agrárias, ao mesmo tempo que é um sertão das emoções. A narrativa de Menezes é permeada por emoções fortes e cruas, as vezes também cruéis, como o desejo de



Agostinho pelo corpo de Joana não se importando com nada além de conseguir o que almeja. No entanto, o sertão de Menezes não é construído apenas de lágrimas e sofrimento. É também alicerçado na esperança. Ao longo das páginas do romance, Menezes se deixa perceber através da composição de seus personagens, principalmente por meio de Pedro Tavares. O autor sabe que sem o mínimo de instrução para os sertanejos, o povo não vai conseguir superar as dificuldades de habitar o sertão com nada além de um pedaço de terra para plantar e morar. Menezes escreve sobre um sertão que precisa do assistencialismo do governo enquanto é afundado pela seca e abandonado pelos migrantes sem possibilidades de escolha.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do “falo”: uma história do gênero masculino (1920-1930)**. São Paulo: Editora Intermeios, 2013.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez; Recife: Massangana, 1998;

ANDRADE, José Lopes de. **Introdução à Sociologia das Secas**. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1948;

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e Cantadores**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

CAUQUELIN, Anne. **A Invenção da Paisagem**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002;

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano - artes de fazer**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

D’ANDREA, Moema Selma. **A tradição (re)descoberta: o pensamento de Gilberto Freyre no contexto das manifestações culturais e literárias nordestinas**. 2. ed. rev. e ampl. Campinas: Editora Unicamp, 2010;



GOMES, Ângela. População e sociedade. In: SCHWARCZ, Lília M. **Olhando para dentro**. Rio de Janeiro/MAdri: Ed. Objetiva e Fundação Mapfre, 2013. Col. História do Brasil Nação, v. 4.

LIMA, Laurenio. Romancista ao Norte. **Diário de Pernambuco**. Recife, 1953. Ed.: 00015. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_13&Pesq=%22Jos%c3%a9%20Rafael%20de%20Menezes%22&pagfis=14309. Acesso em: 18, agosto. 2022.

LIMA, Luiz Costa. **História, Literatura, Ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MELO, Virgínius da Gama. Romance do cansaço telúrico. **Diário de Pernambuco**. Recife, 1953. Ed.: 00219. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_13&Pesq=%22Jos%c3%a9%20Rafael%20de%20Menezes%22&pagfis=17608. Acesso em: 18, agosto. 2022.

MENEZES, Djacir. **O Outro Nordeste**: formação social do nordeste pastoril. Rio de Janeiro, José Olympio, 1937;

MENEZES, José Rafael. **Êxodo: a nascente dos paus de arara**. João Pessoa: Tipografia Andrade, 1952.

OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. **História e Literatura: relação de sentidos e possibilidades**. In: VASCONCELOS, José Gerardo; MAGALHAÃES JÚNIOR, Antonio Germano (Orgs.). *Linguagens da História*. Fortaleza: Imprece, 2003. p. 82-97.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

“UM GRITO de protesto. Uma palavra de advertência. Uma prova de amor à minha terra”. **O Norte**. João Pessoa, 1952. Ed. 00835. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=120774&Pasta=ano%20195&Pesq=%22Jos%c3%a9%20Rafael%20de%20Menezes%22&pagfis=14556>. Acesso em: 20, agosto. 2022.

DIREITO À POESIA: UMA ANÁLISE DO PAPEL DA POESIA, ENQUANTO INSTRUMENTO POLÍTICO NO CONTEXTO REVOLUÇÃO CHILENA NA OBRA “O CARTEIRO E O POETA”

Emanuele de Freitas Freire - Universidade Federal de Campina Grande
Mariana Valença Felix- Universidade Federal de Campina Grande